



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**O PROTAGONISMO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES***

JANAINA PONTES DOS SANTOS

MAMANGUAPE-PB  
2021

JANAINA PONTES DOS SANTOS

O PROTAGONISMO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Mamanguape-PB  
2021  
JANAINA PONTES DOS SANTOS

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação**

S237p Santos, Janaina Pontes Dos.

O protagonismo feminino em Anne de Green Gables /Janaina Pontes Dos Santos. - Mamanguape, 2021.

40 f.

Orientação: Luciane Santos. TCC  
(Graduação) - UFPB/CCAÉ.

UFPB/CCAÉ

CDU 82

JANAINA PONTES DOS SANTOS

O PROTAGONISMO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Alves Santos

Aprovado em 28 de junho de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Luciane Alves Santos  
(Orientadora – UFPB/CCAIE/CCHLA)



Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques  
(Examinador 1- UFPB/CCAIE)



Profa. Dra. Michelle Bianca Santos Dantas  
(Examinador 2- UFPB/CCAIE)  
Mamanguape-PB

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Além da enorme capacitação enquanto profissional, a graduação me trouxe um crescimento pessoal imensurável com as responsabilidades e atribuições contidas nesse processo ao longo dos anos. A UFPB foi a minha maior realização enquanto pessoa, não existem palavras que definam a minha gratidão a essa instituição e aos professores do campus IV, que são profissionais exemplares e que nunca esquecerei. Vocês me ensinaram que a educação é a melhor arma para combater a misoginia, o sexismo, a ignorância e a insensatez. Obrigada!

O caminho até aqui foi árduo, desde a decisão de sair da minha casa e encarar um universo cheio de responsabilidades e inseguranças até a conclusão da escrita deste trabalho. Sem dúvidas eu não poderia chegar até aqui sozinha, e o apoio da minha mãe, que é o meu maior exemplo de amor e compaixão, foi essencial para o sucesso da minha caminhada. Nós duas vencemos, mãe.

A Sérgio, meu companheiro e melhor amigo, eu quero agradecer por me guardar no seu coração, pois o seu amor e paciência foram a minha fortaleza.

Meus agradecimentos também se estendem às amigas que fiz na graduação e levo para sempre em meu coração: Késsia, Lívia, Vanessa, Alícia e, em especial, a minha dupla, que esteve literalmente ao meu lado em tantos momentos, Duda.

Aos amigos da minha vida, que, mesmo distantes, se fizeram presentes em tantos momentos, eu gostaria de dizer que vocês são parte indissociável do meu ser: Marcos Paulo, Raquel, Vitória, Ágatha e Muk. Os amo para sempre.

*Não é esplêndido pensar em todas as coisas que existem para serem descobertas? Isso me faz sentir alegria em estar viva; é um mundo tão interessante! Não seria a metade interessante se soubéssemos tudo sobre todas as coisas, seria? Não haveria nenhum escopo para a imaginação então, haveria? Mas eu estou falando demais?*

(Lucy M. Montgomery)

## RESUMO

A história da literatura infantil e juvenil demonstra como ela traz consigo uma carga pedagógica que, durante muitos anos, foi utilizada como manual de boas condutas, cujo principal objetivo era a moralização dos costumes. Esse processo estava diretamente associado à manutenção dos fundamentos patriarcais e a consequente estereotipação da mulher perante a sociedade. Neste caso, a representação do feminino é o reflexo de uma sociedade reprodutora dos padrões sexistas, em que o papel social de cada gênero estava programado historicamente, promovendo, assim, o estabelecimento da imagem feminina sob uma condição de inferioridade e submissão, enquanto o homem ocupava lugares de prestígio. No entanto, o protagonismo de Anne Shirley, personagem da obra *Anne de Green Gables*, promove reflexões acerca dessa imposição cultural, pois o seu discurso emancipatório representa a elevação da voz feminina, em escassez no período em que a obra está inserida. Além de questionar e edificar a imagem da criança perante um regime que a desconsidera como ser pensante, a menina corrobora para a construção identitária das moças da pequena Anvolea, promovendo uma capacitação ideológica que desperta questionamentos relacionados ao lugar das mulheres na sociedade. A análise demonstrou que o cotidiano feminino é repleto de uma imposição cultural que contempla a existência do homem e em contrapartida objetifica e impõe costumes tradicionais que moldam os sonhos, as vontades e a personalidade de Anne Shirley. Contudo, a imposição da menina diante de injustiças e situações constrangedoras é reflexo de uma personagem à frente de seu tempo, que, apesar de estar inserida em uma obra do início do século XX, contribui para melhor compreendermos as tendências da literatura infantil e juvenil posteriores à sua época de publicação. Para o desenvolvimento da pesquisa, nos embasamos no método bibliográfico, e contamos com os estudos de Coelho (2000), Zilberman (1985), Beauvoir (1970) e outros.

**Palavras chaves:** Literatura infantil e juvenil. Protagonismo feminino. *Anne de Green Gables*.

## ABSTRACT

The history of children's and youth literature demonstrates how it carried with it a pedagogical load that, for many years, was used as a manual of good conduct, whose main objective was the moralization of customs. This process was directly associated with the maintenance of patriarchal foundations and the consequent stereotyping of women in society. In this case, the representation of the female reflects a society that reproduces sexist patterns, in which the social role of each gender was historically programmed thus promoting the establishment of the female image under a condition of inferiority and submission while men occupied prestigious places. However, the protagonism of Anne Shirley character in the work *Anne of Green Gables*, promotes reflections on this cultural imposition, as her emancipatory discourse represents the feminine empowerment in scarcity in the period in which the work is inserted. In addition to questioning and building the image of the child in the face of a regime that disregards her as a thinking being the girl supports the identity construction of the girls of the small Anvolea, promoting an ideological training that raises questions related to the place of women in the culture that contemplates the existence of man and, in turn objectifies and imposes traditional customs that shape Anne Shirley's dreams, desires and personality. However, the imposition of the girl in the face of injustices and embarrassing situations reflects a character ahead of her time, and that, although we understand the trends in children's and youth literature after its publication period. For the development of the research, we base ourselves on the bibliographic method, and count on studies by Coelho (2000), Zilberman (1985), Beauvoir (1970), and others.

Keywords: Children and Youth Literature; female identity; Female protagonism; Anne of Green Gables.



**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 .....	18
Figura 2 .....	19
Figura 3 .....	25
Figura 4 .....	27

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	13
1.1 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL TRADICIONALISTA: BREVES CONSIDERAÇÕES .....	13
1.2 O PROTAGONISMO INFANTIL E JUVENIL E SEUS ESTEREÓTIPOS.....	15
1.3 A COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS .....	19
1.4 UMA NOVA VISÃO: TEMAS E RUPTURAS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL .....	22
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	25
2.1 O CAMINHO ALPINO DA MULHER NA ESCRITA: O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE <i>ANNE DE GREEN GABLES</i> .....	25
2.2 AS PERIPÉCIAS DE ANNE SHIRLEY .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

A noção de infância era inexistente até a Idade Moderna, pois a criança não era percebida socialmente, partilhando com naturalidade ambientes e costumes da vida adulta, não existindo, portanto, distinção ou limitação que dependesse da faixa etária. O avanço social trouxe como consequência a priorização de um ciclo menor de familiares, transferindo a visão do adulto para as necessidades fisiológicas, psíquicas e sociais da criança. É a partir dessa maior visibilidade que a produção literária se volta para a construção de um gênero que se destinava a essas necessidades, iniciando suas publicações na França de 1697, com os contos de Charles Perrault (1628- 1703). Segundo Zilberman (1985), é somente em meio à Idade Moderna que os interesses próprios de uma faixa etária, até então desconsiderada, são relevantes e estimulados para uma formação específica. Essa mudança só acontece por consequência da nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas em um núcleo unicelular, que se preocupa em manter o seu ciclo com mais privacidade, tornando essa relação mais afetiva e preocupada com o desenvolvimento de suas crianças.

Na história da Literatura Infantil e Juvenil algumas fases marcaram e fundamentaram a sua ascensão, tendo em vista que, a princípio, a sua forma tradicionalista configurava o livro infantil e juvenil como uma função pragmática e pedagógica, objetivando o seu caráter didático como forma de transmissão das noções morais, para assim atender às exigências burguesas de meados do século XVIII.

Por isso, a representação do feminino, nesse contexto, é o reflexo de uma sociedade reprodutora dos padrões sexistas, em que o papel social feminino estava programado historicamente, promovendo o estabelecimento da mulher sob a condição de imbecilidade, submissão e fragilidade, como aponta a filósofa Simone de Beauvoir (1970).

Considerando esse cenário, este trabalho visa a possibilidade de reconhecer nas entrelinhas da obra *Anne de Green Gables*, publicada em 1908, pela canadense Lucy Maud Montgomery, uma voz feminina por trás de personagens que refletem, criticam e quebram expectativas ao viverem fora dos padrões tradicionais da época. Sabemos que valores de liberdade, tolerância e empoderamento eram

completamente diferentes, o que demonstra a importância da obra para a contribuição da leitura como um ato social, comentando por Caldin (2003) como sendo função de facilitar a compreensão do homem perante o que a sociedade lhe impõe, causando reflexão crítica e questionamento.

Avaliar os discursos e o contexto contidos na obra aqui analisada contribui para o entendimento do percurso feminino na Literatura Infantil e Juvenil. Buscamos melhor compreender a trajetória de personagens em busca de direitos e conquistas. Sabemos da importância da nossa pesquisa, pois por meio da representação literária se formam muitos leitores e leitoras que serão futuros cidadãos, exercendo condutas que representam a pluralidade social.

Embora as circunstâncias não fossem favoráveis para o protagonismo feminino, na época em que o livro foi publicado, destaca-se entre histórias configuradas sob os parâmetros instaurados, uma criança que no auge da sua infância, ousa pensar criticamente, se desvencilhando dos parâmetros convencionais da literatura infantil e juvenil da sua época. A obra é considerada um clássico da Literatura Infantil e Juvenil tendo em vista as discussões atemporais abordadas durante os oito volumes destinados à vida da pequena protagonista. Com traduções para diversas línguas e adaptações televisivas, o romance teve sua primeira publicação no Brasil apenas em 1939, integrado na coleção de livros chamada *Biblioteca das moças*, que se constituía em segmentar para o seu público-alvo, as mulheres, histórias que tinham como objetivo sedimentar a visão do casamento e dos bons costumes, trazendo como consequência a alienação do pensamento feminino em forma de dogmas que reduziam a mulher.

A narrativa conta as histórias da órfã Anne Shirley, uma criança ruiva e sardenta, marcada por suas características físicas e personalidade forte, que foi adotada por engano pelos irmãos Marilla e Matthew Cuthbert. Eles tinham inicialmente a intenção de adotar um menino para ajudar no trabalho braçal da fazenda. Surpreendentemente a menina cativa os moradores da pequena Anvolea com sua imaginação aflorada e pensamentos reflexivos e inquietantes que a diferenciam das personagens femininas da Literatura do século XX no tocante aos contos tradicionais.

Desde a constituição familiar fora dos padrões, essa história comove os leitores, pois, é a partir do contato com os livros que Anne demonstra uma maneira própria e íntima do pensamento feminino, distanciando-a dos padrões machistas,

representando resistência à predominância das relações de gênero, da perpetuação de subordinação da mulher, da constituição familiar, do *bullying* e dos padrões de beleza pré-estabelecidos socialmente.

O ponto de análise da obra em questão será formulado a partir de contribuições teóricas sobre o panorama da Literatura Infantil e Juvenil, bem como do ponto de vista social ao analisar a identidade da personagem e os estereótipos do protagonismo juvenil. Para isso, estudiosos como Nelly Novaes Coelho (2000), Marisa Lajolo (1987), Regina Zilberman (1985), entre outros, serão utilizados como base teórica da presente pesquisa. Desse modo, metodologicamente, o trabalho se pauta em uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo por analisar uma obra literária em seu contexto histórico e social, contribuindo, desse modo, para a compreensão do processo de vigência do protagonismo e da identidade feminina na obra.

O primeiro capítulo é apresentado de forma panorâmica, tratando o assunto da literatura infantil e juvenil de forma que abranja uma totalidade de informações acerca da sua formação e consolidação ao longo do tempo, demonstrando a sua importância e autonomia até os dias de hoje, a qual reinventou-se positivamente como qualquer arte. No segundo capítulo, existe um conteúdo mais específico com relação à obra, no qual são levantados pontos com relação ao contexto da produção e da análise crítica no que diz respeito às fraturas no protagonismo representativo de Anne Shirley em *Anne de Green Gables*.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL TRADICIONALISTA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Uma parte do século XX é marcada na Literatura Infantil e Juvenil, doravante LIJ, pelo caráter tradicionalista que padronizava as histórias destinadas às crianças. Essas histórias foram marcadas pelo individualismo explícito e competitivo em contradição com os trâmites estabelecidos na sociedade daquela época, que previa o benefício coletivo com a disseminação do cristianismo, do sistema liberal burguês e patriarcal. Desse modo:

O individualismo e suas verdades absolutas são a pedra angular do sistema. Tudo na sociedade tradicional parte do indivíduo e nele tem seu maior sustentáculo. Embora ideais generosos visassem o benefício da coletividade, na prática, o individualismo forte competitivo, que era base do sistema, acabou por se transformar no poder absoluto das minorias. (COELHO, 2000, p. 20)

Na literatura, observa-se essa herança do modelo ideal do indivíduo nas características dos heróis românticos em que eram “todos eles, seres de exceção, modelos das qualidades e virtudes consagradas pela sociedade, como padrões ideais a serem imitados” (COELHO, 2000, p. 20).

A LIJ, portanto, foi concebida nos padrões dados como exemplo, exercendo assim uma influência direta na vida de crianças e jovens, tendo em vista que a literatura transforma a concepção estética construída pelo sujeito em intervenção sociológica, ativando a consciência crítica do seu leitor, independentemente da idade, como afirma Coelho:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades e as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. (COELHO, 2000, p. 29)

A literatura para crianças já foi repleta de um domínio autoritário de obediência absoluta, pois os valores, tabus e ideais eram moldados pelos poderes

da igreja, governo e do patriarcado. Por muito tempo esses eram os formatos das obras infantis, cujos ensinamentos estavam adequados ao padrão desejado pela sociedade dominante; as formas rígidas que limitavam as condutas eram distribuídas entre certo ou errado, bom ou mau e como consequência:

Tal dogmatismo, que transformou a “autoridade” em “autoritarismo”, derivou da crença de que o sistema elaborado era perfeito. Portanto, para o seu pleno sucesso na prática, só haveria um caminho para os homens: obediência absoluta às autoridades detentoras do saber e do poder” (COELHO, 2000, p. 20)

Como dito anteriormente, a superioridade masculina, assim como a moral dogmática, é parte de um cotidiano que, conseqüentemente, entra nos livros para crianças, uma vez que essas características reforçam os limites entre o que é propício para o homem e para o outro sexo, tendo em vista o caráter religioso, condensando a moral da história e os destinos dos personagens, que são conseqüências das suas condutas boas ou ruins.

Nos séculos anteriores, a criança era vista como um adulto em miniatura, em razão de uma educação excessivamente rígida e disciplinar sob o princípio de que a infância deve ser encurtada, levando a criança a consumir uma literatura que exemplifica ideais adultos, assume precocemente uma função responsável e punitiva. Cunha (2014) aponta como era entendido o termo infância:

Construída a partir do prefixo *in*, que indica negação, e do radical linguístico *fante*, que significa falar, dizer, a palavra de origem latina infância, no âmbito semântico, está intimamente ligada à ideia de ausência de fala. (CUNHA, 2014, p. 14)

Percebe-se que a infância, assim como a criança, não era considerada causa a ser discutida, pois o foco social era o adulto, sem preocupações com a construção ou adaptação da criança enquanto sujeito crítico.

Na Idade Média, a construção social invalidou a cronologia pessoal, sendo a idade não somente ligada à categoria biológica, mas às funções sociais, e nesse caso, a infância categorizou-se como sendo a fase de subordinação. É por isso que, até pouco tempo, a Literatura Infantil e Juvenil foi representada pela crítica como sendo um gênero secundário e vista pelo adulto como “algo *pueril* (nivelada ao brinquedo) ou *útil* (nivelada a aprendizagem ou meio para manter a criança entretida e quieta)” (COELHO, 2000. p. 30).

A literatura destinada a jovens e crianças foi por muito tempo minimizada como criação literária, além de ser tratada pela crítica como um gênero menor. Tal fato respalda-se na falta de preocupação com a infância, intencionando que a criança era reconhecida como sendo um “mini adulto”. Até meados do século XX, predominou o tipo de histórias autoritárias e diretivas na literatura.

A partir disso, a valorização da LIJ se deu como um fenômeno de alta percepção para a formação de mentes, ampliando o conhecimento de culturas e formações sociais. Portanto, o ato de ler é recebido pelo jovem leitor como um ato de aprendizagem, e apesar de não ter essa procedência, sendo a faixa etária do seu público compatível com vários estágios psicológicos da criança, o aprendizado é consequência da ludicidade da atividade de leitura. Por isso, a afirmação abaixo segue apontando como a assimilação da informação é veiculada pela criança em seu estágio formativo:

O livro em questão, por mais simplificado e gratuito que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entrever e assimilar, ao mesmo tempo, as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. (SORIANO, 1975, p. 20)

Considerações como essas são defendidas por estudiosos da área que contradizem, portanto, o que o histórico cultural da humanidade imaginou a respeito da infância e da criança ao desconsiderá-la como ser pensante e reflexivo.

A formação do sujeito que atende às expectativas sociais inclui diretamente as funções essenciais de aprendizagem e desenvolvimento ligadas ao letramento. A função da LIJ, nesse subsídio, é a de formar o leitor literário levando em consideração seus processos emocionais, cognitivos e sociais ao tornar-se o tipo de atividade que estimula o imaginário e relaciona a sua leitura à realidade em que a criança se encontra.

## **1.2 O PROTAGONISMO INFANTIL E JUVENIL E SEUS ESTEREÓTIPOS**

A história da literatura é marcada pelas dicotomias sociais que são apontadas entre os períodos históricos, estes, por seu caráter representativo ao instante em



que se instaura. Desde o nascimento da LIJ, o formato do personagem ocidental consiste em representar uma cultura que seja propícia e representativa para os leitores e leitoras que os consomem.

O papel da Literatura enquanto campo de disseminação de ideias também é espaço que protagoniza a luta pelo direito das mulheres, pois esse movimento social é compartilhado e elucidado por leitoras durante todo o período da história.

Sabemos, no entanto, que essas são discussões produzidas a partir de embates sociais recentes, em que se movimenta o cenário do protagonismo da mulher na sociedade, na cultura, e nos livros. A crítica fervorosa chega na transição do século XIX para o século XX, época em que o cientificismo conflita com as mudanças sociais, entre elas “a luta das mulheres que se fez pela garantia de direitos cívicos e políticos, como o direito de votarem e de serem votadas.” (CUNHA, 2014, p. 154).

A importância de discordar dos parâmetros pré-estabelecidos socialmente se dá no momento em que, nas mais diversas esferas, a mulher está subordinada ao sexo masculino, sendo ela estereotipada, inferiorizada e julgada.

Nos livros literários destinados a jovens, essa prática é comum, tendo em vista que o papel desempenhado pela mulher é sempre secundário ao dos homens, bem como a literatura mundial do século XX é repleta de exemplos canônicos que representam esse ponto de vista. Em seus estudos, Amaral (2004) afirma que a literatura infantil e juvenil corrobora com a manutenção da divisão social dos gêneros, pois, em suas histórias, há uma reprodução incansável do papel feminino, sendo esse sempre fadado às atividades domésticas, enquanto os homens ocupam espaços nas esferas públicas, herdando grandes cargos com considerada notoriedade.

No que tange ao cenário canônico da literatura juvenil, nos deparamos com clássicos que demonstram a mutilação e o sexismo exasperados nas aventuras cotidianas dos protagonistas. Podemos exemplificar os modelos de comportamento identificados nessas histórias com a prestigiada obra *As viagens de Gulliver* (1726), que narra as estimulantes viagens do herói criativo em que lhe é permitido conhecer outras línguas, lutar com gigantes, buscar a sua própria identidade e afins. O protagonismo e as histórias destinadas a meninos são sempre ligadas a ações com fins sociais, seja para a melhor compreensão de si mesmo ou do mundo que espera um pequeno leitor.

Outro exemplo que demonstra a complexidade estabelecida no protagonismo são as aventuras de *Peter Pan* (1911) e dos Meninos Perdidos na Terra do Nunca. O cenário fantástico em que os primeiros personagens habitam é um reino mágico em que seres míticos e meninos comuns circulam sob o mesmo princípio, a promessa de se manterem crianças por toda a eternidade. O espaço simbólico é a representação do subconsciente da criança em que predominam a diversão e o encantamento, em um local proibido para adultos e seus problemas. Peter Pan transitava entre o mundo mágico e o real, sendo o segundo centralizado no quarto da menina Wendy, uma garota educada sob os princípios direcionados à mulher, cujo papel estava predestinado pelo modelo tradicional que as meninas desempenham na sociedade. Assim que conheceu Peter, Wendy enxergou a possibilidade de ele ocupar em sua vida o papel de parceiro romântico, dado que o casamento era o maior objetivo e realização de uma mulher, a qual se moldava para isso. Contudo, a intenção de Peter Pan era de convencer Wendy a migrar para o mundo mágico, para que lá, ela desempenhasse para ele e os Meninos Perdidos um papel materno, o qual fazia falta constantemente.

No exercício dos afazeres maternos, Wendy esperava que a postura de Peter Pan fosse como no mundo real, em que o homem assume a figura de pai, marido e provedor do lar. Todavia, o garoto escolheu não crescer e se isentar das responsabilidades a ele atribuídas, sendo admirado pela irresponsabilidade e falta de amadurecimento, decidindo, então, viver longe da sociedade e de qualquer ideologia a ele destinada. Pelo contrário, com as responsabilidades a ela atribuídas na Terra do Nunca, Wendy continua o seu processo de amadurecimento e nela surge a culpa e o anseio que são os motivos basilares que a fazem voltar para o mundo real, disposta a assumir o seu papel como mulher na sociedade.

Ao contrário do que estabelece os livros protagonizados por meninos, as personagens femininas estão sempre coordenadas para a manutenção de um propósito específico, explicitando e reduzindo o público-alvo à representação do feminino que forme uma visão positiva da constituição familiar, valorizando a condição reducionista da mulher, assim como atribuindo o seu papel social a funções domésticas, limitadas e inferiorizadas. Desse modo, Amaral afirma:

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e

outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira. (AMARAL, 2004, p.17)

Dessa forma, percebemos que a LIJ carrega uma tradição norteadora de algumas características como: “as preocupações pedagógico-moralizantes oriundas da necessidade da classe burguesa, no século XVIII, de sedimentar seus valores utilitaristas a partir da infância” (KHEDÉ, 1986, p. 5). Considerando essa condição pré-estabelecida, os personagens dessas obras são os precursores dessas sentenças que representam os valores moldados pela sociedade, tornando a produção ligada ao propósito de instruir, mediar, orientar e sentenciar.

A relação ideológica que permeia a criação do personagem literário vai além da consciência do autor ou do leitor, pois as condições externas sobrepõem-se a qualquer valor interno a nível estético do livro. Por isso, há uma limitação a depender de fatores como cultura e idade, falando da construção da literatura voltada para crianças e jovens, dependendo principalmente da intenção pragmática e pedagógica encontrada nos primeiros exemplares.

Os contos de fadas são repletos de uma ideologia moralizante que representa uma sociedade dominante que desejava transmitir às suas crianças princípios cristãos concebidos através do casamento, da doutrinação e da objetificação da mulher. Os personagens da LIJ estavam a serviço do enredo proposto, nos casos em que esse protagonismo é feminino, percebe-se o reflexo da realidade, já que existia uma idealização atribuída às mulheres com relação a estereótipos sociais e ideológicos nos quais esperava-se uma série de atributos que qualificassem a mulher como meiga, feminina, educada, compassiva, branca e bonita. Ramalhete e Sten (2018) afirmam que “Culturalmente, privilegiam-se os olhares e os ditames masculinos, uma vez que, nessa perspectiva, as mulheres devem ser vistas como acessórios, como meros adornos, que ficam mais apresentáveis quando se encaixam em certos arquétipos.” (p. 438)

Dentre esses ditames, príncipes e princesas são exemplos genuínos que corroboram com esses aspectos, pois representam, diante de um dinamismo incorporado ao texto, a masculinidade sob arquétipos específicos que incluem sobretudo a coragem e a força atribuídas ao gênero masculino e a fragilidade e dependência atribuídos às mulheres. Diante desses pressupostos, percebemos que

a ideologia transita subliminarmente nas histórias infantis e juvenis intrínsecas ao maravilhoso, impermeabilizando a condição da busca de identidade das crianças, que não tinham outra perspectiva de vida a não ser o casamento, dificultando qualquer esperança de um futuro com sonhos e outros objetivos.

Os paradoxos que articulam para o tradicionalismo da feminilidade e do comportamento são questionados apenas algumas décadas depois com a crítica feminista e a ascensão da mulher mediante os textos literários, sendo motivo de discussões até os dias atuais.

O protagonismo de Anne, diferente do que é proposto nos contos de fadas, é de um posicionamento que se distancia das princesas clássicas, tendo em vista que nas primeiras páginas da obra a menina recusa esse papel de fragilidade ao ser identificada com uma beleza que foge dos padrões convencionais da literatura infantil e juvenil, tanto quanto a imposição nos discursos e nas decisões.

### 1.3A COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS

A exemplo dessa condição de subordinação, no Brasil, existiu a coleção de romances da “Biblioteca das Moças<sup>1</sup>”, fundada no início do século XX e criada para jovens burguesas. O objetivo dessa coleção era de edificar as leituras destinadas a meninas, cujos valores morais da burguesia estavam em vigência, evidenciando e introduzindo a valorização de conceitos sociais impostos às mulheres.

Figura 1: Terceira adaptação de Anne de Green Gables no Brasil, feita em 1956.



<sup>1</sup> Lançada pela Companhia Editora Nacional (CEN), a Coleção teve a sua primeira edição lançada em 1926 e foi reimpressa até 1950. Reunia diversos nomes da literatura mundial e publicava em Língua Portuguesa clássicos como *O homem sem coração* (Ruby Ayres) e *Armadilhas da sedução* (Mr. Delly).

Fonte: A COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)<sup>2</sup>

A narrativa desses livros contava com o padrão das famílias tradicionais em um cenário de ambientes domésticos, cujo cotidiano representava a divisão social pelo gênero: enquanto os homens trabalhavam sob exercício de remuneração, as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos, dos filhos e da vida matrimonial. Diversos elementos consagram a manutenção do estereótipo. Os valores e ideais da educação estavam fundados na fé católica, atribuindo aos destinos dos personagens os castigos e as bênçãos, reservadas a depender das ações e da devoção dos mesmos.

Como percebemos pelos propósitos literários apresentados acima, o afinamento do pensamento se caracterizou pelos padrões estabelecidos nos títulos destinados a mulheres, tendo em vista que, enquanto os meninos eram condicionados à aventuras e novos mundos, as meninas consumiam um material pedagógico que as tornava aprendizes dos “artifícios necessários para não fracassar nos flertes, ou seja, casar.” (NAKAGAWA, 2014, p. 5).

Figura 2: Exemplo de capa com moça de comportamento adequado.  
A casa dos Rouxinóis, M. Delly, 1956. Edição Biblioteca das moças



Fonte: A COLEÇÃO BIBLIOTECA DAS MOÇAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “CARLOS GOMES” EM CAMPINAS (1951-1976)

O sucesso da Biblioteca é consolidado como prática pedagógica, e a comprovação desse feito são as suas duas novas edições em anos posteriores,

<sup>2</sup> Disponível em:

[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319217/1/Kirchner\\_CassiaAparecidaSalesMagalhães\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319217/1/Kirchner_CassiaAparecidaSalesMagalhães_D.pdf)

promovendo um empobrecimento estético da produção literária infantil e juvenil (ZILBERMANN; LAJOLO, 1987, p. 85).

Portanto, as condições estabelecidas nos livros destinados a meninos são elucidadas e moldadas sem limitação artística no tocante ao cumprimento da função social da LIJ, pois dessa forma há a ampliação de um diálogo entre a sociedade e a criança, exercendo então sua possibilidade de desbravar o universo sem limitações sociais, emergindo e possibilitando que a criança utilize de sua imaginação. No entanto, quando pensamos em exemplos literários destinado ao outro gênero, Colomer explica:

Em décadas anteriores, os livros infantis se dividiam em livros para meninos e livros para meninas. Qualquer leitor sabia, por exemplo, que as obras de Júlio Verne estavam destinadas aos meninos e que “*Mulherzinhas*”, de Louise M. Alcott, ao contrário, era um livro para meninas, independentemente do fato que muitas meninas roubavam *Viagem ao centro da terra* das estantes de seus irmãos ou de que sentiram como uma injustiça que Jo, o personagem de “*Mulherzinhas*”, não fizesse sua viagem à Europa como castigo por sua falta de humildade e afabilidade feminina. (COLOMER, 2017, p. 63)

No século XX, a produção de livros sexistas promovia os valores masculinos, assim como os prestigiavam com benefícios sociais e econômicos, dessa forma, contribuía para a perpetuação da figura feminina com tom de subordinação e fragilidade. À vista disso, a Literatura Juvenil protegia os direitos masculinos considerando, segundo Ramalhete e Sten (2018), que toda a estrutura social era respaldada nesse princípio, organizada para promover e estabelecer a mulher como sendo incapaz de se defender, se proteger, pensar ou ter voz; impondo sobre ela a contínua vigilância e liderança do seu superior: o homem.

O lançamento de *Anne de Green Gables* no Brasil, em 1939, foi patrocinado pela Companhia Editora Nacional (CEN), responsável pela coleção da Biblioteca das Moças. Sendo esse o volume 65 da terceira edição, podemos perceber que existe no livro de Lucy M. Montgomery uma quebra de padrões ao segmentar a obra a uma coleção que cristaliza a visão do casamento e padroniza os pensamentos das mulheres.

A protagonista Anne Shirley, assim como alguns personagens que a cercam, tecem duras críticas aos padrões sociais estabelecidos e principalmente às condições patriarcais. Por isso, o padrão da obra vai de encontro às expectativas

que baseiam os textos publicados na Coleção *Biblioteca das Moças*, na qual é segmentada pelo modelo ideal que permeia o mercado editorial da época. As contestações com relação às exigências de um universo tipicamente adulto e que reduz a criança, não levando em consideração as suas vontades, é cenário de uma literatura moderna que critica os moldes estabelecidos.

#### **1.4 UMA NOVA VISÃO: TEMAS E RUPTURAS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

Todas as fases de transformação mundial são marcadas na literatura por seu caráter visceralmente humano. Por essa razão, as revoluções econômicas e culturais pós-industriais são portas para uma nova visão de mundo, fundada nas novas teorias de infância e educação para assim adaptar a LIJ a um novo contexto social, fundamentado por uma nova visão, com novos interesses e propostas de mundo. A modernização da sociedade após a revolução industrial se encaixava nas novas perspectivas de infância e adolescência, e assim os leitores saciavam a visão verossímil que a literatura traz da realidade de uma sociedade consumidora e trabalhista. Colomer afirma:

A sociedade pós-industrial, com um funcionamento mais baseado na gestão dos conflitos intra e interpessoais, e não na luta externa pelas condições de vida, passou a valorizar a capacidade de verbalizar os problemas, a negociação moral, a adaptação pessoal às modificações externas, a flexibilização das hierarquias, a autoridade consensual, a imaginação e a anulação de determinadas fronteiras entre o mundo infantil e o adulto. (COLOMER, 2017, p. 190)

Os livros foram tomados pelas mais diversas formas de fantasia e diversão, com personagens redondos, de personalidades e características discutíveis e que se afastam das histórias morais e conservadoras de outrora. A imaginação e a reflexão se tornaram valores de extrema importância para o indivíduo, sendo esses temas tratados com naturalidade, intercalando o imaginário com a complexidade natural da vida, deixando para trás normas fixadas e preceitos que não condizem com a realidade.

Aos poucos, os temas da LIJ foram ganhando novos contornos, acompanhando de perto os progressos e as mazelas da sociedade. Dessarte,

chegando na atualidade, podemos dizer que uma nova nomenclatura foi incorporada ao desenvolvimento da literatura para a infância e juventude: temas fraturantes.<sup>3</sup>

Essa concepção de ‘fratura’ inclui a discussão de temas que foram considerados nocivos para inserção em livros literários destinados a crianças. Traçando um parâmetro temporal, podemos observar a evolução do pensamento humano e de condições sociológicas que permitem integrar a uma história destinada a crianças, a complexidade de fatores envolvidos nas mais diversas causas sociais, políticas, econômicas e psicológicas. A noção moderna de infância integra as tendências contemporâneas, como as guerras, o bullying, transtornos mentais e a sexualidade, que são partes relevantes para o conhecimento e a formação do leitor humanista.

A abordagem desses temas tradicionalmente vistos como “difíceis” e “polêmicos” foram durante muito tempo silenciados e censurados diante da sociedade que enxergava a LIJ como ferramenta exclusivamente didática, intencionando que ensinar sobre determinados assuntos era fruto de pensamentos e ideias obtidos através de uma ideologia avessa à política conservadora que ganhou popularidade nas últimas eleições. A mídia noticiou, em 2017, uma polêmica envolvendo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que é um projeto de leitura inserido em escolas públicas no intuito de tornar a literatura acessível para crianças e jovens. A obra *Enquanto o sono não vem*, de José Mauro Bant, compõe a biblioteca oferecida pelo programa e foi alvo de duras críticas acerca da possível inadequação do livro, visto que a faixa etária indicada fosse a partir dos oito anos de idade e a trama não condizia com o ambiente escolar. Os professores pediram a retirada do livro das dependências das bibliotecas das escolas, e o autor do livro, em sua defesa, afirmou que o universo imaginativo é parte indissociável da leitura literária e que o mediador da história é responsável pelo aspecto que ela ganha.

Outro exemplo da censura literária é o clássico de Ana Maria Machado, *O menino que espiava para dentro*, que só tomou o “rumo” de tema sensível quando, em uma rede social, uma mãe questionou outros pais acerca da pergunta feita pelo filho a partir da interpretação que ele teve da obra. O menino questionou os pais “se era verdade que se ele se engasgasse com uma maçã e ficasse sem respirar, ele

---

<sup>3</sup> Os temas fraturantes são resultados de uma literatura não mais direcionada apenas a transmissão de conhecimentos, mas ao deleite e recreação, sendo formada por arte e ideologia.



conseguiria ir até o encontro do seu mundo da imaginação...”. A denúncia feita pela mãe, gerou uma represália imediata na internet, pois para ela, o livro estimulava o suicídio. Com relação a obra Rodrigues e Souza afirmam:

O menino que espiava para dentro, a autora narra a história de Lucas, um menino com a maior facilidade de sonhar e de imaginar. O protagonista que prestava atenção em tudo, também conseguia se distrair e entrar em um outro universo – mágico, longínquo, distante. Inventa um amigo, Talento ou Tamanco ou Tatá, anda sobre ondas, come a maçã do sono profundo, mora em conchas, voa pelos ares, vê automóveis-leões, bosques de caramelos. Não dava para espiar mais nada, para ver nada, nem na frente nem atrás. Só aquele breu profundo. Ele, de um lado. Do outro, o mundo. (RODRIGUES E SOUZA, 2020, p. 185)

Percebe-se que os temas sensíveis são aqueles que tematizam conflitos reais, e a experiência da leitura literária e a abertura do diálogo pode promover a reflexão do leitor, mesmo que criança, permitindo assim, que as suas experiências sejam refletidas na construção humana desse indivíduo. As críticas que envolvem a censura dessas obras são frutos do conservadorismo social, que nos dias de hoje ganham uma incidência ainda maior com a popularização da discriminação, do preconceito e do negacionismo.

Existe uma diferença de um século entre as obras aqui citadas como “polêmicas” e o romance *Anne de Green Gables*, que não corresponde exatamente a esse ‘novo rumo’ que ocupa lugar de destaque na Literatura infantil e juvenil que se encaixam como tendências cotidianas, pois é uma obra do início do século XX e ainda carrega muitos valores da literatura conservadora. Entretanto, pode-se visualizar essa ‘guinada’ para uma literatura mais leve, mais criativa e mais evidenciadora do protagonismo feminino ativo, sem demonstrar exemplaridade e submissão. Podemos dizer que se trata de um exemplo dentre as obras que abrem caminhos para a discussão de temas tão importantes para a evolução da sociedade.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 O CAMINHO ALPINO DA MULHER NA ESCRITA: O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DE *ANNE DE GREEN GABLES*

Na obra *Anne de Green Gables*, a atenção volta-se para o contexto social em que a narrativa foi escrita, tendo em vista que a autora Lucy M. Montgomery travou questionamentos com o contexto tradicionalista que permeava a literatura infantil e juvenil, buscando a aprovação constante da arte, a sua capacidade de escrita, conquistando então os seus títulos de professora, escritora, mãe e esposa.

Considerando a realidade machista que articula e descredita talentosas mulheres, uma protagonista fora dos padrões da literatura voltada para o sexo feminino, principalmente para crianças, causa um desconforto para os arquétipos sexistas de ontem e de hoje. A crítica literária da época em que as obras de Lucy foram consideradas promissoras para as grandes editoras, se entusiasmaram com as publicações do âmbito juvenil, mas quando a autora quis migrar para outro público, essas obras logo foram desconsideradas e minimizadas. Isso reduziu a perspectiva de produção de Lucy, limitando-a apenas ao cenário de sucesso de *Anne de Green Gables*.

Lucy nasceu em novembro de 1874, em Prince Edward Island, no Canadá. Cresceu com seus avós maternos após a morte da sua mãe, e, sendo a única criança de sua casa, teve por muito tempo como companhias a imaginação e a criatividade aliadas às leituras. Aos nove anos, começou a escrever poemas em seu diário e logo passou a publicá-los em jornais, assim ascendeu até ter idade para ingressar na universidade, tornando-se uma das poucas mulheres do seu tempo a buscar o ensino superior.



Figura 3: Imagem da autora Lucy M. Montgomery

Fonte: *Beco das palavras*<sup>4</sup>

A educação da autora foi um fato curioso de sua vida, já que depois de sua formação básica na Ilha ela decidiu o seu futuro profissional, o que não acontecia predominantemente na vida de mulheres, uma vez que eram os homens (principalmente os pais ou responsáveis desse sexo) dominavam qualquer decisão da vida de suas filhas, mesmo com a constância disciplinar que preponderava a vida de Lucy, ela contrariou o repúdio absoluto que o avô tinha com relação a mulheres que se tornavam professoras, já que em sua visão, essas deveriam ser destinadas a cuidarem de suas casas e filhos. Em sua biografia, percebemos a rigidez dos costumes:

Ensinar era uma carreira óbvia para uma estrela articulada como Maud. O seu avô Macneill, tinha uma antipatia irracional por professoras do sexo feminino, e se negou a pagar para enviar Lucy, até então com dezesseis anos, para Charlottetown, onde acontecia o curso de formação de professores. (RUBIO E WATTERSON, 1995, TRADUÇÃO NOSSA, p. 25)<sup>5</sup>

A província da Prince Edward Island foi cenário do crescimento de Anne, assim como foi de Lucy. No entanto, apesar da beleza indescritível e fascinante do lugar, o campo político desfavorece o direito das mulheres, pois o reconhecimento do voto feminino só foi legitimado cinco anos após as outras províncias. O impasse de questões sociais como essa foi motivo suficiente para Lucy M. Montgomery se

<sup>4</sup> Disponível em: <https://becodaspalavras.com/2018/08/15/lucy-maud-montgomery/>

<sup>5</sup> Teaching was obvious career for a bright, articulate such as Maud, her grandfather Macneill had an irrational antipathy to female teacher... and grandfather Macneill unwilling to pay to send the sixteen years old Lucy M. Montgomery to Charlerttetown for a teacher's training course. (Rubio and Watterson, 1995, p. 25)

inquietar e reconhecer o difícil cotidiano das mulheres canadenses passando a escrever sobre sonhos e otimismo de jovens meninas, cativando um público-alvo que atinge especialmente mulheres.

Muitas são as semelhanças entre Lucy e Anne, desde os primeiros traços da personalidade, tais como a criatividade e a imaginação, até as peripécias e teimosias. Desde sempre, existe na rotina de Lucy a prática da leitura e escrita, fato que desde a sua infância costumava registrar em seu diário os relatos do seu cotidiano, baseados nas suas experiências a partir das leituras literárias, todos os relatos são descritos com muitos detalhes, caracterizando a personalidade de Lucy e a aproximando da personagem Anne Shirley.

Assim como Anne, Lucy tinha o sonho de lecionar, mas isso só seria possível se a menina demonstrasse mais uma vez a sua independência, pois as dificuldades relatadas são de que o cenário para a concretização desse sonho seria uma dificuldade estrutural na sua família, visto que o seu provedor não aceitara o convencimento da profissão desejada. No entanto, com muito entusiasmo, Lucy conseguiu convencer o seu pai e sua avó para que ambos a ajudassem financeiramente para prestar o exame de aceitação na “Prince of Wales College”.

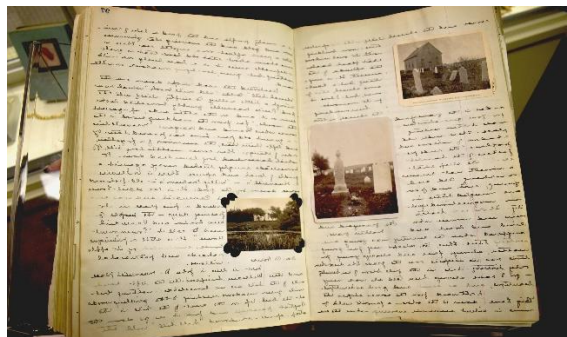
A inspiração da trama principal de *Anne de Green Gables* foi obtida através de uma notícia publicada enquanto Lucy procurava temas para abordar na escola dominical. A notícia dizia o seguinte: “Um casal de idosos solicita ao orfanato a adoção de um menino. Por engano, os enviaram uma menina.” Nesse instante, Lucy passou a escrever rascunhos e anotações, pois tinha achado uma heroína que a convenceu de publicar algo diferente das rotineiras *shorts stories*. Em suas anotações afirmou:

Eu pensei que essa trama era o suficiente. Comecei a moldar capítulos, inventar incidentes e mediar minha heroína. De uma forma ou de outra, ela parecia muito real para mim, e tomou posse de mim de uma forma incomum. Sua personalidade me atraiu e achei uma pena desperdiçá-la em um pequeno seriado efêmero. (KRZEWINSKI, 2021, TRADUÇÃO NOSSA).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> I thought this would do. I began to block out chapters, devise incidents and ‘brood up’ my heroine. Somehow or other she seemed very real to me and took possession of me to an unusual extent. Her personality appealed to me and I thought it rather a shame to waste her on an ephemeral little serial.

Figura 4: O diário de Lucy M. Montgomery



Fonte: *Acervo Anne of Green Gables*<sup>7</sup>

O sucesso atemporal de *Anne de Green Gables* não corresponde com as diversas rejeições que a obra teve nas suas primeiras tentativas de lançamento no mercado. Todavia, após a publicação na *Page Company of Boston*, o sucesso da obra foi rapidamente alavancado, alcançando a marca de 20 mil cópias em seis meses.

## 2.2 AS PERIPÉCIAS DE ANNE SHIRLEY

O livro narra as peripécias da personagem Anne Shirley, que marca a primeira parte da história, com a sua difícil trajetória apesar da pouca idade. A menina órfã tem o seu destino transformado a partir de um evento inusitado. Os irmãos Cuthbert envelheciam tranquilamente na fazenda Green Gables, até o ardor do trabalho braçal do lugar ser um empecilho para a saúde de Matthew e Marilla. A partir disso, os irmãos chegam a um acordo que resultava na decisão de adotar um menino para ajudar nos serviços de manutenção e, para isso, uma vizinha que costumava fazer esses processos de adoção ficou responsável por trazer o menino da cidade à fazenda. Para a surpresa da senhora Spencer, a vizinha encarregada, houve um “terrível engano” com relação às informações trocadas por ela e Marilla, tendo em vista que a criança trazida por ela era uma menina, a jovem Anne.

Na estação de trem onde haveria o encontro de Matthew com o menino, lá ele encontra uma moça de cabelos ruivos que, tomada por uma felicidade avassaladora

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.anneofgreengables.com/blog-posts/ellen-the-orphan-that-inspired-anne-of-green-gables>

em finalmente ter uma família, o deixa sem solução para o ocorrido, pois logo no primeiro contato com a jovem, o patriarca da família Cuthbert tem um encontro mútuo com uma “alma irmã” como define Anne. Com o coração tomado por um sentimento jamais vivido antes, Matthew trava um difícil caminho até vencer a hesitação de sua irmã, que a princípio fica irredutível com relação à adoção de uma menina.

O enredo se concentra na complexa introdução de Anne na sociedade da pequena Anvolea, dado que essa cidadela moldava o comportamento das mulheres conforme a ideologia empregada pelo protestantismo, sendo esse motivo uma das constantes rupturas de Anne. No fragmento a seguir, podemos perceber no texto que a relação da menina com o compromisso que uma jovem deveria ter com a religião é apenas superficial, mecânico e decorado.

- Nunca faço preces – Anne declarou. Marilla ficou perplexa, horrorizada.
- Ora, Anne, o que é que você está dizendo?! Nunca lhe ensinaram a fazer suas orações?! Deus sempre quer que as meninas façam suas preces. Você não sabe quem é Deus, Anne?
- Deus é um espírito infinito, eterno e imutável em Seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade – respondeu Anne, pronta e mecanicamente.
- Então sabe alguma coisa, pelo menos. Graças a Deus, você não é exatamente uma atea. Onde aprendeu isso?
- Oh, na escola dominical do orfanato. Eles nos fizeram aprender todo o catecismo. Gostei muito. Tem alguma coisa esplêndida em algumas dessas palavras. “Infinito, eterno e imutável”... não é maravilhoso? Tem tanto ritmo nisso... é como se fosse o som de um órgão bem grande. Acho que isso não pode ser chamado de poesia, mas parece muito, não parece? (MONTGOMERY, 2019, p. 60)

A resposta de Anne com relação ao questionamento de Marilla é uma frase retirada de um questionário<sup>8</sup> inserido no ensino de catecismo e que foi originalmente elaborado por teólogos para o ensino de crianças. O contato de Anne e de outros jovens com a doutrina é tão mecânico e leviano, ao passo que as respostas acerca do grande questionamento da humanidade e motivo da existência de religiões é subliminarmente questionado por uma criança, que historicamente falando é sem exceção, a fase do desenvolvimento humano mais subestimada.

Mesmo que haja uma tentativa de Marilla em adequar Anne às imposições cristãs fadadas sob o princípio da subserviência e da idealização do comportamento

---

<sup>8</sup> *Breve catecismo de Westminster* foi formulado por teóricos ingleses e escoceses da Assembleia de Westminster no século XVII.

feminino, sendo esse moldado conforme a contribuição da igreja e dos princípios burgueses, ainda existe uma série de questionamentos que são provenientes de sua fértil imaginação, outra característica atípica. Comparar a seriedade de uma oração com o esquema rítmico de um poema torna o evento cômico e constrangedor, em outro trecho, a menina continua questionando os trâmites que envolvem o ritual religioso:

Sim, claro, se é o que a senhora quer, vou fazer – a menina concordou, alegremente. – Faça qualquer coisa para lhe agradar. Mas, dessa vez, preciso que me ensine o que devo dizer. Pensando bem, acho que isso vai ser muito interessante!

– Você tem de se ajoelhar – disse Marilla, ligeiramente constrangida.

Anne se ajoelhou aos pés de Marilla, que estava sentada na cama, e olhou seriamente para cima.

– Por que as pessoas têm de se ajoelhar para fazer suas preces? Vou lhe contar o que eu faria, se realmente quisesse orar. Eu iria sozinha para onde tivesse um campo bem grande, ou um bosque bem denso, e olharia para o céu lá no alto... muito, muito, muito alto... olharia para o céu maravilhosamente azul, um azul que parece que não tem fim. E, então, eu só sentiria a prece... (MONTGOMERY, 2019, p. 61)

A vergonha que Marilla sente é proveniente dos questionamentos assíduos de Anne, pois uma menina não deveria ter em mente que um procedimento típico aos cristãos pudesse gerar dúvida ou discussão. A imposição cotidiana dessa prática é parte indissociável da formação dos jovens com base na herança cultural da família tradicionalista, a qual, devido à precária educação de Anne, é desprovida desses conhecimentos, o que a torna uma criança que não nutre as expectativas esperadas. E por isso: “Marilla quase começara a se desesperar por sempre tentar transformar essa órfã do mundo em sua garotinha modelo de boas maneiras e comportamento recatado.” (MONTGOMERY, 2019, p. 196)

O cenário familiar dos Cuthbert chama atenção por sua constituição fora dos padrões elementares. Os irmãos são predominantemente cristãos, e curiosamente ambos se anularam de um dos maiores símbolos da religião, que é a comunhão do casamento e a constituição da família. O casamento é a elevação máxima da mulher perante a burguesia, e o homem por sua vez deve ser o benfeitor de um lar para concluir o seu papel perante a sociedade. Na obra, os questionamentos de Anne com relação ao matrimônio são motivos de divergência entre suas amigas, tendo em vista que esse assunto é o preferido de Ruby Gillis e Josie Pye, assim como é o de todas as meninas que se aproximam da idade “adequada” ao casamento.

Ruby Gillis não pensa em nada além de rapazes, e quanto mais velha ela fica, mais isso piora. Para mim, os rapazes estão todos muito bem em seus lugares; não acho que devem ser envolvidos em tudo e todas as conversas, não é? Diana e eu estamos pensando seriamente em prometer uma à outra que nunca vamos casar: vamos ser duas velhas solteironas muito bondosas e viver juntas para sempre.

(...) Oh, Marilla, é tão solene ter quase 14 anos! A senhorita Stacy reuniu todas as meninas que já são adolescentes e nos levou até o riacho, na quarta-feira passada, para conversar conosco sobre isso. Ela disse que é na adolescência que devemos ter o máximo possível de cuidado com os hábitos que criamos e com os ideais que adquirimos, porque, quando tivermos 20 anos, nosso caráter já estará desenvolvido e os alicerces de toda a nossa vida futura já estarão definidos. E ela disse que, se esses alicerces não estiverem muito firmes, nunca poderemos construir nada realmente valioso sobre eles. (MONTGOMERY, 2019, p. 275)

Na escola, a orientação da professora era que as moças já moldassem os seus costumes e os adequassem à vida adulta, que tinha por consequência alinhar os interesses rotineiros com a expectativa da vida familiar. Alimentava-se os alicerces que corroboram para os interesses burgueses, pois, assim, a sociedade caminhava sob o mesmo princípio e seguia os costumes que previam os papéis destinados às mulheres na sociedade. A manutenção da mulher enquanto provedora do lar acentua a submissão e contribui, como define Simone de Beauvoir (1970), para o *eterno feminino*. A teoria explica que a sociedade nega à mulher uma característica básica ao ser humano, o de ser pessoa, cidadã e indivíduo particular, o que a torna apenas produto do outro, ou seja, uma extensão do homem.

Sob esse princípio, sabemos que existem padrões que se tornam mais adequados às personagens do sexo feminino, conforme as orientações precedentes dos atributos que qualificam as mulheres e padronizam as personagens dos livros literários. Nesse sentido, as características físicas de Anne são parte importante dessa desconstrução conferida a vários efeitos na obra, pois percebemos que a menina foge dos padrões de beleza instituídos, tornando-se diferente de suas próprias amigas.

Uma criança de mais ou menos 11 anos de idade, usando um vestido amarelo-acinzentado muito curto, muito apertado e muito feio. Trazia na cabeça um chapéu de marinheiro marrom, desbotado, e sobre suas costas se estendiam duas tranças grossas de cabelo indiscutivelmente ruivo. Seu rosto era pequeno, pálido, magro e coberto de sardas. A boca era grande, assim como os olhos, que pareciam verdes em algumas luzes e alguns estados de espírito, e cinzas, em outros. (MONTGOMERY, 2019, p. 18)



A imposição dos padrões de beleza é sentida cotidianamente por Anne, que sofre as consequências dessa determinação cultural ao receber críticas com relação às suas características físicas. A vizinha da fazenda Green Gables, uma senhora amarga e fofqueira chamada Rachel Lynde, deprecia a aparência de Anne ao vê-la pela primeira vez, e como resposta, a menina demonstra não somente o quanto aquilo a fere, mas com suas palavras, sobrepõe a sua coragem e determinação que são detalhes inquestionáveis da sua personalidade.

Anne “foi lá”, mas não exatamente do modo como a sra. Rachel esperava. Com um pulo, atravessou o piso da cozinha e ficou de pé diante da sra. Rachel, com o rosto escarlate de raiva, os lábios trêmulos e todo o seu corpo esguio tremendo dos pés à cabeça. – Odeio você – exclamou ela, com a voz embargada, batendo o pé no assoalho. – Odeio, odeio, odeio você – e uma batida mais forte acompanhou cada declaração de aversão. – Como ousa dizer que sou magra e feia? Como ousa dizer que sou ruiva e sardenta? Você é uma mulher rude, mal-educada e insensível! – Anne! – exclamou Marilla, consternada. Anne, porém, continuou a encarar a sra. Rachel impavidamente, de cabeça erguida, olhos flamejantes e punhos cerrados, exalando nuvens de indignação. (MONTGOMERY, 2019, p. 50).

O impacto causado pelo infeliz comentário da Sra. Lynde é a representação das consequências causadas pela imposição de padrões pré-estabelecidos pela sociedade. A atitude de Anne demonstra inquietação e protesto perante os ditames que a cerca, pois a expressividade da menina carrega mágoas e apresenta ao leitor o ponto fraco de uma menina forte: a sua aparência. Outro episódio que demonstra a fúria de Anne quando se trata desse assunto delicado é a apresentação de Gilbert Bythe no romance:

Contudo, Gilbert Blythe não estava habituado a tentar atrair a atenção de uma garota e fracassar. Aquela menina Shirley, de cabelo vermelho, queixo proeminente e olhos grandes, diferentes dos de qualquer outra menina da escola de Avonlea, tinha de olhar para ele. Então, atravessou o espaço entre as filas de carteiras, pegou uma das longas tranças ruivas de Anne, esticou-a no comprimento de seu braço e disse, com um sussurro penetrante: – Cenoura! Cenoura! Anne olhou para ele, enfurecida. E fez mais do que simplesmente olhar. Levantou-se rapidamente, com suas belas fantasias irremediavelmente arruinadas, e lançou um olhar indignado para Gilbert – e, naquele segundo, o brilho furioso de seus olhos foi repentinamente transformado em lágrimas igualmente furiosas. – Menino maldoso e desprezível! – exclamou, revoltada. – Como se atreve?! Em seguida, “Tum! Plaft!” – Anne bateu com a lousa na cabeça do garoto e a partiu – a lousa, não a cabeça – ao meio. (MONTGOMERY, 2019, p. 131)

A fúria de Anne nesse acontecimento representa uma protagonista que se aproxima da realidade de muitas jovens nessa idade, nas quais as inseguranças com seus corpos se tornam gatilhos que consomem atos e se distanciam das

exigências outrora atribuídas ao sexo feminino. Gilbert Bythe tem um longo histórico que o representa como típico garoto encenqueiro; com as meninas, ele tinha o hábito de enroscar os seus cabelos e rir das suas sardas. O descrédito que Anne deposita nas suas atitudes, causam um desconforto atípico no menino que, pela primeira vez, percebe uma menina nada fácil de impressionar, e que, para requerer sua atenção, decide em tom jocoso, comentar sobre a maior insegurança de Anne, os seus cabelos ruivos.

Diante disso, faz-se presente uma menina reproduzindo um discurso de autodefesa que rompe com os estereótipos de fragilidade e dominância da mulher perante o homem. Gilbert teve o seu *álder ego* masculino totalmente rompido por uma menina tão inteligente e esperta quanto ele, ao sentir-se ameaçado, a forma de ter o seu posto reivindicado, foi ofuscando e ridicularizando a menina diante de outros colegas. Posto isto, Beauvoir (2018) afirma:

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seu semelhante mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. (1979, p. 19, apud RAMALHETE; STEN, 2018, p. 8).

A nocividade da menina que desconstrói esse lugar de fala predominantemente masculino pode representar uma quebra nos estereótipos do protagonismo feminino perante as atribuições concedidas à literatura infantil e juvenil.

A inteligência de Anne é fascinante, pois a sua capacidade de imaginar e criar contextos fantásticos para lugares e situações comuns a torna uma cidadã de Anvolea reconhecida por ter esse curioso traço de personalidade. Por vezes, a menina é criticada e repreendida por estar pensando demais, escapando da realidade que a espera e desobedecendo algumas normas de sua casa ou da escola. O acesso à literatura era limitado e restrito apenas a momentos de subversão, a escola e os pais enxergavam o hábito da leitura como perda de tempo ou como um estímulo excessivo para o pensamento feminino. Por isso, ao ser pega lendo *Ben Hur*, percebe-se a rigidez dos costumes com relação à leitura literária:

– Oh, já sei o que ela disse! Eu quis te contar, Marilla; honestamente, eu quis mesmo, mas esqueci. A senhorita Stacy me flagrou lendo *Ben-Hur* na escola ontem à tarde, quando eu deveria estar estudando a história do Canadá. Foi Jane Andrews que me emprestou o livro. Eu li durante a hora

do almoço, e tinha acabado de chegar ao momento da corrida de bigas, quando tivemos de voltar para a sala de aula. Eu estava simplesmente louca para saber como aquilo acabou, apesar de ter certeza de que Ben-Hur venceu, pois o justo, nas histórias, é a virtude ser recompensada, e a crueldade, punida, não é? Aprendi que isso se chama “justiça poética”. Então, abri o livro de história do Canadá sobre a tampa da carteira e acomodei o outro entre minhas pernas e a mesa. Assim, enquanto eu parecia estudar, estava, de fato, me divertindo com Ben-Hur. E me sentia tão interessada naquilo que nem percebi a senhorita Stacy se aproximar, até que, de repente, olhei para cima e me deparei com ela me observando, com ar de grande reprovação. Nem posso descrever a vergonha que senti, Marilla... sobretudo quando ouvi as risadinhas de Josie Pye. A senhorita Stacy pegou e levou o livro consigo, mas não falou uma só palavra naquele momento. Porém, me manteve na sala durante o recreio e conversou comigo. (MONTGOMERY, 2019, p. 276)

A leitura e a escrita são na vida de Anne como uma fonte de ideias e de imaginação, e questionada por sua melhor amiga Diana de que forma ela conseguia ser tão criativa e astuta, Anne Shirley tem a súbita ideia de criar o clube de contos, que serviria para o cultivo da imaginação das meninas da pequena Anvolea.

É extremamente interessante – Anne falou com Marilla. – Cada menina tem de ler sua história em voz alta, e depois fazemos uma discussão. Vamos guardar todas elas cuidadosamente, para, no futuro, lermos para nossos descendentes. Cada uma de nós escreve com um pseudônimo. O meu é Rosamond Montmorency. Todas as meninas estão se saindo muito bem.  
– Acho uma grande bobagem esse negócio de escrever histórias – Marilla falou, com desdém. – Vocês vão encher a cabeça de coisas absurdas e desperdiçar um tempo que deveria ser gasto com suas lições. Ler histórias já é bastante ruim, mas escrevê-las é ainda pior. (MONTGOMERY, 2019, p. 230)

Existem na obra concepções que estimulam alguns hábitos que não condizem com a realidade a ele aplicada. Boa parte do século XX é marcada por uma avassaladora discriminação de gênero nos livros infantis, nos quais alimentavam o caráter da princesa passiva que tinham sempre o mesmo destino: o casamento, a submissão masculina e o conseqüente ofuscamento perante a figura do homem. Segundo Colomer (2017), a produção de guias bibliográficos que especificam livros não sexistas conta com os seguintes critérios para a oposição da perpetuação do estereótipo patriarcal, representada graficamente no quadro abaixo:

<b>Crítérios não sexistas para a produção de guias bibliográficos em oposição ao padrão patriarcal, segundo Colomer (2017, p.64)</b>	
<b>1</b>	Livros com mulheres ou meninas ativas e interessadas em sua profissão ou em suas aventuras.
<b>2</b>	Personagens femininas com características de personalidade positivas e não associadas tradicionalmente à mulher: inteligência, independência, valor, eficácia e etc.
<b>3</b>	Retratos positivos de mulheres que não apenas sejam mães e de jovens que demonstrem ambição e capacidade de tomar suas próprias decisões.
<b>4</b>	Comentários explícitos do narrador a da não discriminação sexista se a trama assim o requerer.
<b>5</b>	Livros que abordem o tema da amizade e dor amor de maneira que o amor romântico não pareça a unia satisfação feminina.

Fonte: autoria própria

No entanto, essas são postulações feministas dos anos setenta, que ligam essa corrente ideológica à forma do livro literário, revelando uma evolução social dos padrões. Embora exista na cronologia temporal mais de meio século que separam as publicações dos guias ilustrativos como o *Little Miss Muffet Fights Back* (1974) da obra canadense *Anne de Green Gables* (1908) não há uma só cláusula que seja rompida pela nossa protagonista Anne Shirley, o livro apresenta todos os critérios que classificam as obras não sexistas e discriminatórias, o que resulta na certeza da visão progressista e moderna da autora Lucy M. Montgomery.

A obra reivindica a importância da literatura na infância, já que, nas entrelinhas dos discursos dos personagens, enaltece a imaginação e as peripécias que andam de comum acordo na rotina de uma criança que convive com os livros e amplia os recursos que alimentam a imaginação. O clube de contos de Anne questiona alguns padrões normativos com relação à criação literária, tendo em vista que nele são as meninas que produzem e comentam os textos, consumados com os traços e as tendências de cada uma, o que resulta em uma construção identitária particular.

A crítica acerca da obra acentua a influência que a personagem teve durante a infância de milhares de jovens. A capacidade de imersão do livro faz com que, independentemente da idade do leitor, a trama se torne parte indissociável do sujeito literário que habita no interior do leitor. Além disso, hoje em dia se analisa a obra por uma visão moderna, que conta com conhecimentos acerca da evolução dos estudos sobre sexismo, buscando no romance alguma influência que resulte em um distanciamento ideológico. No artigo “Sexism Down on the Farm? *Anne of Green Gables*”, a autora afirma:

Na verdade, eu estava convencido de que *Anne of Green Gables* não é um livro sexista. A própria Anne não é estereotipadamente feminina, com fraquezas femininas e características ligadas ao sexo. Ela sem dúvida age dentro de uma estrutura feminina, mas muitos de seus traços de caráter, se fossem classificados de forma estereotipada, seriam decididamente não femininos.

Anne é agressiva. As coisas que ela mais deseja e com que mais sonha na vida, ela vai atrás. Ela se dá para se tornar e conseguir uma "melhor amiga". Ela trabalha muito por suas realizações acadêmicas.

Ela ainda se esforça para criar uma confissão elaborada para Marilla, a fim de poder ir ao piquenique da igreja e provar seu primeiro sorvete. Esta não é uma criança passiva. Ela sonha, mas se esforça muito para realizar esses sonhos. (p. 12, TRADUÇÃO NOSSA).<sup>9</sup>

Os estudos culturais relacionados à literatura passam a valorizar movimentos que foram marginalizados anteriormente, incluindo a literatura de autoria feminina, o que repercute questionamentos sobre o cânone literário e a atribuição de valores a ele relacionadas. A abordagem aos estudos de gênero traz análises com relação a personagem feminina a partir da experiência da mulher, por isso, a crítica especula por meio da estética literária da autora Lucy M. Montgomery que ela estimula mudanças ao criar uma personagem que não compactua com a neutralidade relacionada aos personagens femininos pouco desvelados naquela época.

Por esse motivo, Anne Shirley é uma personagem na qual a conduta se baseia em uma perspectiva crítica, negando-se a regras que a dispõe sobre os moldes da perpetuação do eterno feminino. O inegável carisma que ocasiona no

---

<sup>9</sup> In fact I was convinced that *Anne of Green Gables* is not a sexist book. Anne herself is not stereotypically female, with stock female weaknesses and sex-linked characteristics. She undoubtedly acts within a female framework, but many of her character traits, were they classified stereotypically, would be decidedly unfeminine.

Anne is aggressive. The things she wants and dreams of most in life, she goes after. She gives of herself to become and get a "best friend". She works hard for her academic achievements. She even goes to great lengths to create an elaborate confession for Marilla, in order to be allowed to go to the church picnic and taste her first ice-cream. This is not a passive child. She dreams, but she tries very hard to make those dreams come true.

leitor um apego emocional a personagem, está ligada diretamente aos erros e acertos do cotidiano de uma personagem atípica daquele contexto social. Os questionamentos e críticas a igreja, a voz masculina que minimiza, subordina e desvaloriza, assim como o empoderamento feminino das meninas de Anvolea que se juntam para traçar um caminho de valorização da literatura como combustível para a imaginação e a criatividade são somas inegáveis ao combate da disseminação do patriarcado, que insiste em desvalorizar e subservir a mulher a um comportamento ideal e adequado aos interesses do sexo masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas obtidas durante a análise da obra são de que ao longo do tempo a ambição e os benefícios masculinos são parte indissociável das dificuldades encontradas pelas mulheres, sejam elas no universo ficcional ou não. De personagens a autoras, a atribuição social feita ao sexo feminino corrobora para a ampliação do sexismo de forma convencional, de maneira que os seus resultados estejam implícitos na cultura e no cotidiano.

A realidade de Anne Shirley é comum entre as moças de sua época, as convenções estão inseridas em todas as esferas da comunidade, seja nas relações interpessoais, ao exemplo da voz marcadamente machista de Gilbert Bythe, até os dogmas escolares e religiosos que abrangem uma força mais incisiva da imposição cultural. Em todos esses sentidos, percebe-se uma direção contrária na escrita da autora Lucy M. Montgomery, que ao invés de neutralizar essas ações contundentes da imposição social, as concentra em locais marcantes da trama e constrói uma personagem que contribui para a revelação dessas convenções mentais arraigadas. Desse modo, destaca-se a genialidade da autora, que pensou à frente de seu tempo, edificando a personalidade de uma menina com contribuições que tornam a obra um prestígio da literatura infantil e juvenil.

O protagonismo feminino em Anne de Green Gables representa a força e a autonomia da mulher, que mesmo estereotipada, constrói ao longo do tempo e com a provação constante da inteligência, o seu destino como ato de liberdade. Ao analisar as características físicas ou não de Anne Shirley, percebe-se que a autora adota um modelo crítico que nega os moldes reducionistas, tornando a personagem um ato de reivindicação, de protesto e de autonomia da sua escrita.

Ao tomar o ato de ler como forma de imaginar e criar um novo mundo sob o olhar fantástico e criativo da arte, Anne desvencilha o romance do formato em que muitas histórias destinadas a meninas se moldavam naquela época, que tornavam os livros moralizadores e pedagogizantes. O universo adultocêntrico limitava as crianças, aplicando as ideologias vigentes como uma forma de subversão, alienação e controle social. Deste modo, a obra *Anne de Green Gables*, escrita há mais de um século, torna-se atemporal pela forma de edificar a imagem da mulher, indo de encontro as ideias patriarcais que dominavam com ainda mais veemência os ideais do século XX.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, C.I. **Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis**. 2004. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- BARRIE, M. J. **Peter Pan**. Tradução por Cristina Antunes. Editora Autêntica, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. Tradução De Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.309.
- CALDIN, Clarice. **A função social da leitura da literatura infantil**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. Moderna, 2000.
- CUNHA, Antonio. Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- KHEDÉ, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.
- KRZEWINSKI, Agatha. **'Elen' the Orphan that inspired Anne of Green Gables**. Anne of Green Gables. Disponível em: <https://www.anneofgreengables.com/blog-posts/ellen-the-orphan-that-inspired-anne-of-green-gables>. Acesso em: 10 maio 2021
- Little Miss Muffet Fights Back. *Feminists on Children's Media* (1974). **Feminist Book Mart**. NJ, 18-20.
- MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Tradução por João Sette Camara. Jandira- SP: Ciranda Cultural, 2019.
- NAKAGAWA, S. Y. ESTUDO DA COLEÇÃO "BIBLIOTECA DAS MOÇAS": A FORMAÇÃO DE JOVENS POR MEIO DA BOA LEITURA DOI: 10.5216/lep.v18i1.35041. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2015. DOI: 10.5216/lep.v18i1.35041. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/35041>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- RAMALHETE, Mariana Passos; STEN, Samira Costa. Crítica ao eterno feminino em Anne de Green Gables, de Lucy Maud Montgomery. **Revista: Travessias Interativas**, Sergipe, v.8, nº16, 2018, p. 432-443.
- RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi; DE SOUZA, Renata Junqueira. **TABUS E TEMAS POLÊMICOS—A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL SOB CENSURA**. Caderno de Letras, n. 38, p. 183-199, 2020.
- RUBIO, Mary; Watterson Elizabeth. **Writting a Life: L.M Lucy Maud Montgomery**. Canadá: ECW Press. 1995.



SORIANO, Marc. **Guia de literatura para a juventude**. Paris: Flamarion, 1975.

SWIFT, Jonathan. **Gulliver's Travels**. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, s.d.

WEISS-TOWN, Janet. **Sexism Down on the Farm? Anne of Green Gables**.

Children's Literature Association Quarterly, Project MUSE. vol. 11 no. 1, 1986, p. 12-15.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.